

a Bomba

Cristiano de Carvalho (art.)

Dirigem a manipulação

Álvaro Pinto (lit.)

Fornecedores das matérias primas—Laurindo Mendes.

Sede do Laboratório—Rua d'Alegria, 218.

Mareca da fábrica—(vulgó editor)—Carlos Gonçalves.

Fábrica: terraço de Costa Caregal, tr. Passos Manuel, 27.

O JUÍZO DE DEUS

(A propósito dos últimos duelos)



—Foi um belo gesto! E agora recolhes a casa a tua honra perfeitamente lavada... com tintura de arnica!

A Bomba

Uma semana é corrida sobre o 1.º estouro de *A Bomba*. E se nesse pequeno espaço de sete dias pouco se alterou a face do mundo, não havendo nenhum grande cataclismo que subvertesse qualquer continente ou alterasse a harmonia dos astros, bem se continuou vincando a face dos homens desta terra de Portugal com todas aquelas pequenas e ridículas baixezas que a política anda semeando pelo país inteiro. No florir amoroso da nova alvorada da raça, uma seiva fecunda ergueu a estranhas culminâncias a esperança comum. Projectou-se a vista a horizontes infinitos e reconheceu a gente sã nos longes da visão que o Portugal antigo, inteiramente português, inteiramente nacional, ia resurgir de novo para uma nova missão heroica.

Mas o sonho foi curto e breve seolveu em pesadelo. Porque, esmagadora das realidades, enquanto as almas puras e generosas se erguiam ao alto roçar as nuvens com os seus olhos de vista clara, aspirar de perto os perfumes rescedentes duma liberdade aureolada de grandeza, em baixo, na lama dos charcos, na podridão das alfurjas políticas, na agiotagem miserável do balcão de consciências, iam surgindo, espalhando-se, ficando as garras ladravazes todos esses representantes gafados da velha montureira, para quem honra e caracter, dignidade e educação eram torpes excrementos que, num natural confusão de saídas, eles só precisavam de dejectar pela boca nos momentos precisos de qualquer novo crime, vil bambucha ou ignobil farçada.

E essa escória, que ainda hoje traz nas mãos as marcas sangüíneas das suas vilezas, que na face espelha a toda a luz o hediondo traço da sua repugnância moral, é a que continua subindo, com a suprema desfaçatez dos desqualificados e a inultrapassável hipocrisia dos bandidos da pior espécie.

Pode semelhante torpeza proseguir assim, escorçando os bons e os justos para exaltar os meliantes e os scelerados?—Pode o povo português continuar á mercê desses asquerosos reptis a quem a posse de muitas patas deu a facilidade de mais

depressa escalamem os muros do tesouro?

Povo, povo roubado, és o único depositário da antiga, nobre e grandiosa alma nacional! Levanta-te e empunha o chicote. Centenas de quadrilheiros pretendem assaltar-te por todos os lados, espoliando-te do bom nome, da tua independência e da integridade da tua pátria. Acorda e ruges, com rugidos que cheguem a Roma, se ouçam na Galiza e aterrem os chacais que pelo Terreiro do Paço se escondem e envenenam a sombra. Acorda e sê resolutos. Que *A Bomba* te auxiliará...



Um grupo de antigos sócios do Círculo Católico vai fundar um centro radical-revolucionário, sob a égide do cónego Correia da Silva e que inaugurará com uma conferência do sr. António José d'Almeida intitulada «As modernas doutrinas anarco-socialistas».

—Vai fresca a luta entre os elementos democráticos do Porto. Por estúpidos ou malvadas intenções alguém quiz semear entre eles sisania e intriga. Agora que recolha as tempestades.

—O conflito estava para ser resolvido sem alarde público. Como, porém, ha sempre boas creaturas destinadas a pescarem em todas as águas, também quiseram turbar estas.

—E a verdade é que tanto agitaram que o fundo veio á tona. Assentará?

—A talassaria não digeriu a manifestação de ontem. A um reverendo padre ouvimos: e esse Couceiro que nos não salva!

—Uns saltimbancos políticos, de nome independentes, andam a querer fundar nova *egreja* *onionista* com fêdor a Camacho. E' a peste a alastrar-se.

—Tambem vários charlatães de alma manchada andam pontificando em requiões de radicais. Ou os correm a chicote, ou deixam nódoas.

—O herói dos 3 contos de pensão já não pensa no golpe. Convenceu-se de que era mais doce a vida tranqüila. Para sustos bastou a Rotunda.

—Parece que o novo liceu será construído todo em cimento armado. Professores e tudo.



Em que se faia da Máscara e do sr. Manuel de Sousa Pinto.

Máscara, pranto sem dór,
Risada sem alegria
E's filha de José
Que mandou parar o dia.

Tu és o sonho dos fracos;
Foste ao certo concebida
Da mais estúpida inercia
Tentando parar a vida.

E's a ambição dos cobardes,
A fugida em plena luta:
E's uma fonte que anseia
Transformar-se em pedra bruta.

Oh! máscara és a mentira
E, tu Pinto, a falsidade;
Oh Pinto, mentiste e a boca
Fugiu-te para a verdade.

Que boa ideia tiveste
Sousa Pinto em mascarar-te
A máscara nega a Vida
Tu vida, valor e Arte.

Tu ris de quanto não sentes
De quanto é grande e perfeito
Ris de quanto não abranje,
O teu espírito estreito.

O verme ri-se da Aza,
O réptil desdenha o Céu:
O teu riso é como o Crime
Torcendo a boca do réu.

Tu de saúde só sentes,
Convence-se a gente ao cabo,
A de andar pelas florestas
Pendurado pelo cabo.

Coração de caratungo
Recitas em sentimento:
Justicia a quem a merece,
Tu n'isso mostras talento.

Máscara, já te conhecem:
E's a impotencia soez,
A inveja, peçonina,
A mentira, a canheaz.

Mas está-te bem ao rosto
Meu Pinto, fica a matar-te,
Negação de toda a Vida,
Negação de toda a Arte.

Sousa Pinto, és irmão gémeo,
Do autor da Prosa Vil
Ninguém te pede e tu passas-te
Atestado de imbecil.

Matei-te, já te conheço:
Todos te gritam a esmo:
Pobre máscara infeliz
Que te matas a ti mesmo.

Verme, recolhe-te ao pó
A lama donde tu és,
Foge dos grandes caminhos
Que se não calcem-te aos pés.

PÓLVORA
AVULSA

À PROVA DE BOMBA...

Independente em política: comer a todas as mesas sem agradecer a nenhuma.

Economias á «Montanha»: gastar cem mil réis para poupar doze vintens.

Anti-militarismo: fumar por dia trinta *marechais*.

—Compram-se nesta redacção alguns quilos daquele espírito com que certas creaturas de infinita graça e arte até fazem rir as pedras das mesas dos cafés. E pagam-se bem...

—A lotação dos carros electricos... foi um ar que lhe deu! Também já era tempo de tornarmos á selvageria. Não podemos afivelar durante muito tempo a máscara da civilização.

—Que é feito do célebre saneamento da cidade? Volveu-se em trampa ou não há mais negócios a fazer?

Scena Hamlética

(No cemitério)

O *Primeiro coveiro* canta em voz lúgubre, enterra a pá, cadenciadamente, na terra gordurosa.

O vento estremece de frio roçando as pedras tumbais, e leva os perfumes dos goivos para os murmúrios dos ciprestes. Hamlet desce ao proscénio, pensativo.

Na frente pende-lhe uma madeixa de cabelos negros, e nos olhos traz lampejos mortos de amores que se estirolaram.

Hamlet—Bom homem, que fazes tu?

Coveiro—O mesmo que todos fazem: cavar.

Hamlet—Dizes bem, rústico. Uns cavam na vinha do Senhor, aí p'ra os lados da fronteira; outros cavam nos baelos das repartições públicas ali p'ra os lados do Terreiro do Paço; outros cavam na calíneira nacional ali p'ra os lados do Parlamento... A questão é terem boas enxadas. Para se encher uma barriga, abre-se uma cova. Ter ou não ter barriguinha farta... —eis a questão!

Coveiro (descantando a queizada do sr. Bento Carqueja e apresentando lh'a)—Lá vai charada, senhor: O que é que Vossa Mercê faria agora se fosse São-são e eu fosse filisteu?



Astrónomo sem observatório. A tirania esclarecida pelo café sem cafeína. O cometa de Halley das Finanças. A Economia em passo quilométrico. Meteorico.

DE RABIA

Continua o pânico da intervenção estrangeira proibindo que á rua dos Clerigos se chame rua Ferrer. Quem os viu na opposição!...

—O sr. Silva Cunha requereu divórcio da Liga republicana, por esta ter passado a outro pé, devendo fundar brevemente a Camisa republicana em que o dr. Antonio Luiz Gomes evitará todas as ruturas.

—Escrevem-nos: «O Rangel continua na cadeia. Não haverá

uma alminha boa que o ponha em liberdade?»

—Algumas calçadas desse velho Porto estão simplesmente nojentas. A Camara não deixará de ser lunática para olhar por estas coisas?

—O botânico Sampaio fez uma reforma de instrução secundária, com 6 anos de estudo e sem português. Será destinada a gallegos ou a couceiristas?

—O Artur do *Noticias* não fez ontem censura ao jornal.

—A redacção é que não tem ilusões. O descanso dura pouco.

—A *Montanha* vai começar os seus melhoramentos despedindo o pessoal da máquina, parte dos tipógrafos e alguns redactores. E' o que se chama muita parra.



A LIBERDADE

DE Palaco

Um aprendiz positivista descobriu ha dias, que somos um povo areligioso. Arre, é que é, snr. Morais.

—Um do *Jauceiro* só viu duas côres na *Bomba*. Já é ser mfo-pe ...

—A vereação cá do burgo vai pedir um empréstimo de 500 contos para retirar as cruzes dos candieiros e apagar a lamparina das capelas dos cemiterios.

—Com a República, organizou-se um tribunal de honra e meteu-se mais um palmo de madeira na mēsa do orçamento para se instalarem os abolidores da fantochada burlesca que dá pelo nome de duelo. Tem-se visto o resultado. E' que a farça é uma caracterfstica de todos os regimes polfticos.

—A fábrica de *flirts* que é o Jardim Passos Manoel vai em caminho de escoia modelar. Francês, piano, patinágem, conversa segredada—o curso é de incomparável bom sucesso.

—Ou não fosse o Arriscado um dos inspiradores!...

—Confirma-se a noifeia, aqui dada em primeira mão, de que o teatro lírico abre com um cinematógrafo *dernier-cri*, com *chaise-longues* e gabinetes reservados. Em compensação, o «*Olimpia*» inaugura com a companhia de ópera do Scala, de Milão.

—Serão brevemente publicadas tres obras notáveis, de escriptores eminentes e com os seguintes sugestivos títulos: «*Poeira do Passado*», «*Fezes da Sociedade*» e «*Emanações sulfúdricas*». As edições irão directamente para os diferente *Kaga-ccbos* do mundo.

Nobrezza profunda: ingerir muito azul de metileno.

EXPEDIENTE

Temos recebido da provincia vários pedidos de assinaturas, sem a competente e agradável companhia das respectivas massas. Ora, sem queremos ofender ninguem, isto de assinaturas gratuitas não é do que mais precisamos. Bem sabemos que são todos muito honrados, que nenhum é capaz de fazer-nos uma desfeita, mas, que diabo!, uma longa experiência destas bugigangas nos diz a cada passo que o cobrador tem sempre a infelicidade de só ir a casa do assinante quando ele lá não está. Por isso, snrs, provincianos, mais obras e menos palavras, e lá lhes irá ter *A Bomba*, cuidadosamente empacotada e sem receio de explosão.

Explosivos

No Município do Porto
Os seu edis pataratas,
Q'rendo endireitar o torto,
Arranjam tais carrapatas
—Que o torto inda fica morto.

Que discursos! Que talentos!
Que verborrea danada!
Espremidos os portentos
Largam terra, cinza e nada
E projectos de cimentos!

Que trabalhos! Que requinte!
Que tremendas discussões
Eles tratam, sem acinte.
—Té começam as sessões
Quasi no dia seguinte...

Francamente, desanima.
São honestos, realmente,
Mas o desleixo, a verrina?
... Ficou por lá a semente
Do Pevides e do Lima!

Proponho, n'este momento,
Que não haja mais sessão
E, p'ra vér se ganham tento,
Se transforme o casarão
Em armazens de cimento!

PÓLVORA SÉCA.

O cúmulo do amor á República: partir os queixos de propósito, para depois os atar com um lenço verde e vermelho.

A POLÍCIA E "A BOMBA,,



—Ora, sr. inspector, p'ró que lhes havia de dar! Meterem sustos á gente...



Experiências e fórmulas ao alcance de todos os senadores.

I

Feito o vácuo a um melão, se n'um plano inclinado o colocár's depois, fica o Jaime Valado.

II

1 + H²O. É a fórmula do póvo se o carro de Leixões no rio cai de nóvo.

III

Litro e meio de cuspo, misturado com sabão amarelo. Agita e sai um vate consagrado com um livro no preço engatilhado e lédens no cabelo...

IV

Mas se o preparador for trapaceiro e não quizer cuspir, sai revisteiro.

DOCTOR ESTOURO.



Está na agonia a União Republicana, parecendo que lhe virá assistir aos últimos momentos o arqui-pulhostra padre Matos.

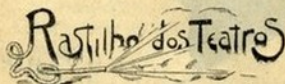
Na Liga vai entrar o António Claro, a ver se consegue enterrá-la mais depressa.

Estão já pedidos alguns bispos para pegarem ás asas do caixão.

O dr. António Luiz Gomes, qual Madalena arrependida, anda banhado em lágrimas pela desilusão que a Liga lhe trouxe.

O Silva Cunha está para morrer de desgosto por *A Bomba* o ter pintado mais negro do que é.

Tambem o Xavier Esteves anda tristonho pelo insucesso da malfadada Liga. Nem cimento lhe gastou!



A *Bomba* rebentou em cheio no Jardim Passos Manuel. Foram aos ares os societários por termos sido indiscretos, revelando um segredo. Pois bem: já agora continuaremos.

Além dos melhoramentos citados no passado *estouro*, podemos infromar

o Respeitável que a sociedade acaba de adquirir uns *bidets* luminosos, com efeitos perihanganáticos, para sanear o meio, constituído por alguns meninos, aluchados de más línguas. O Jaime Valado lavrou já o seu protesto, jurando não voltar ali.

O Figueiróa agarrou-se novamente á teta cinematográfica. Ainda ha pouco tempo o vimos chuchar, mas no dedo! Valha-o S. Camilo! Mas... tem alma até Almeida.

O Circo de Variedades transformou-se ultimamente numa *Creche para desmama de revisteiros*. O Secundino armou em ama seca e passa o dia a tirar leite á bomba!

Bomba parece piada ao poco, mas não é, nem tão pouco tem parentesco com a nossa *Bomba*. O Calderon pediu-nos licença para definir a palavra *bomba* e expõe-nos o seguinte: — Bomba é o canudo que eu tenho apunhado com as últimas revistas.

O António de Castro tem-se visto ás aranhas para fazer a divisão da Giganta Espanhola pelos da parceria. O Pimenta escolhe a parte da cintura para baixo porque nem de bicos de pés lhe pode fazer... cêcegas nos sovacos. O Brito quer a parte de leite! Toda, diz ele, e... ainda não chega! *Yo soy un caliente!* Que basófia!

No Carlos Alberto fazem-se pilulas! O Dr. Especiaria, arrojado clínico e abalizado empresário, já não quer sündicaências. Quer reuniões! Faz centos de convites e consegue reunir *in carne uno* o Doutor, o Especiaria, o arrojado e o abalizado! Já é ter importância! Lava actas. Assina o Doutor, o arrojado, o Especiaria e o abalizado! Fala o Especiaria, o abalizado, o Doutor e o arrojado! Contesta o abalizado, o Especiaria, o arrojado e o Doutor.

ALGODÃO PÓLVORA.



Tenta-se infectar a Universidade do Porto com algumas das hervas mais venenosas da última geração académica.

E diz-se ser o dr. Aarão de Lacerda um dos que mais patrocinam a candidatura dum trampolheiro inultrapassável em toda a espécie de charlatanices.

Ha muito que não dá de si aquele sr. Victorino Coimbra que tão covardemente *assassinou* «A Pátria», para, como consequência, produzir a perda da *Montanha*.

Parece que a última visita ao seu dilecto Porto lhe amansou os ímpetos.

Que ele ainda enchia a boca com «o que lhes valeu foi não entrarem na propriedade brasileira». Cheirava-lhe já a intervenção...

Solidariedade: sacrificio que se exige aos esfarrapados e aos ignorantes mas que enodôa as pessoas illustres.



I

O meu critico chama-se Lúcio — Lúcio Lopes, — e nasceu em Santarem; tem trinta e dois anos, e oito de autoridade.

A maneira como nós nos conhecemos, donde vem esta amizade que nos torna inseparáveis, devo eu revelá-la ao meu leitor como um caso do que pode a fatalidade dos destinos. Lúcio era um rapaz desalinhado no traço que apparecia a miudo no *Martinho*, e de quem se contavam rasgos de irreverência, adjectivos deprimidos, palavras que demoliam as mais sólidas reputações artisticas da Europa. Trazia a barba crescida, mal aparada, e tinha no olhar um vago adormecimento que espraivava sobre as mesas. Donde lhe vinha? Da infinitude do infinito? A meus olhos profanos a figura descaudada de Lúcio Lopes inspirára ironias, breve transfiguradas em formal antipatia ao sabê-lo critico nativo, produtor de frases á hora do absinto que a nada mais vincára o nome, ou procurava vincá-lo. Esta espécie de sujeitos encontrou sempre da minha parte uma irritação que o meu desleim de dandi nunca deixou encobrir.

Por esse tempo eu ensaiava numa revista de então *A Alvorada Nacional* umas impressões ligeiras á maneira do Eça das *Prosas Bárbaras* sobre as coisas do dia e os novos escriptores, — homens, factos e paesagens. Uma noite (já Lúcio se transportára para a *Brasileira* do Chiado, assentando o seu oráculo nessa mesa do cantinho que hoje tem o seu nome) o velho Cosme da Assunção, dramaturgo de talento esmerado aos cincoenta annos, de bigode pintado e surdo, soltára á minha passagem o meu nome e uma palavra. O meu critico deixou escrever por sobre mim o olhar liquido; e estas palavras disse ao auditorio curvado, ansioso: —

Este pequeno tem umas coisas que (se são feitas por ele) não são mal feitas...

Creio que o dito começou a circular de mesa em mesa, porque mais tarde, quando eu saia do teatro e de novo aportei á *Brasileira* a tomar o chocolate, todos os meus amigos quizeram de mim uma palavra em particular: e todos me vinham dizer a imensa graça da piada do Lúcio a meu respeito.

Comencei a ver nele uma força mais respeitada e temida que o Código Fundamental. E este simples facto de ver Lúcio Lopes recostar a cabeça, deixar cair junto ao ouvido do vizinho a palavra que liberta ou aniquila, e pasmar ante o espectáculo estupendo de um botiquim inteiro passar a palavra de ouvido em ouvido entre risos de applauso e olhares de inveja seguindo os gestos do critico, — determinou em mim uma tal mudança que, nessa noite, em seguida a uma larga discussão sobre o emprego do verso branco e as tendências rítmicas dos nossos modernos poetas, ficámos amigos para a vida e para a morte.

Um critico do vigor de Lúcio Lopes presuppõe, é claro, um grande poeta que á fonte do seu talento vá beber a inspiração, e do tribunal do seu saber se faça peregrino da censura. Lúcio Lopes

Doutrina de Frei Tomaz

(No Chaves)



... Portugal só se pôde salvar pelo trabalho...
 — Mas quem é este homem?...
 — Um vadio!

tem o seu poeta, exerce neste momento o espinhoso cargo de chefe da estação postal de Cabinda donde o crítico recebe mensalmente, com regularidade com que ao superior casia a estatística da correspondência, uma nova produção em que o modelo do verso lembra a elegância dum vaso antigo e a frescura do maturo o vinho fresco depois da colheita, á sombra dum parreiral. Lúcio tem hoje uma reputação neste paiz em que á custa de trabalho ninguém consegue fazê-la.

Os amigos da *Brasileira* irradiaram sobre o Chiado, sobre a cidade, direi mesmo sobre Portugal inteiro. As redacções sollicitaram a graça da sua pena para a critica ás *premiéres*: mas — ai de nós — Lúcio Lopes não tem pena, e a acção do seu talento exerce-se sobre nós pelo olhar, esse olhar amortecido e enevado das coisas vãs, e pela lingua, essa lingua negligente que por ter pronunciado num momento um simples adjectivo sobre um papel de certa peça fez chorar uma semana inteira essa linda arizinha que o fazia.

Porque o grande poder do Lúcio reside no adjectivo. Sobre uma peça no Trindade, e logo o Lúcio classifica, numa palavra que envolve a obra e o desempenho, o autor, a sua terra, tudo: — Tropical...

O mais celebre dos nossos escriptores publica o seu livro annual? Lúcio achou o vocabulo que em si concentra o artista, na sua psychologia, nas suas modalidades, na preferéncia do seu público, no seu passado e no seu futuro: — Chocalhante...

E ouvireis (ohi respeito!) a *Brasileira* repetir inalteravelmente quando a um seu frequentador fordes pedir um juizo sobre a obra:

— Chocalhante! chocalhante! chocalhante!

Mas o que mais estonteia neste critico são as suas opiniões, harmonicas como um bloco de Paros, lapidares como um verso parnasiano, que este conversador mais que todos enleante e encantador, nos seus dias grandes desenvolve sobre os homens e as coisas do nosso tempo. Como Wilde, emprega o conto para nos dar bem colorido e vivo o perfil de certo politico. Tem, como Béranger, um *rétrair* com que amortalha um artista, depois de jogar a péla com as suas obras em sex-filhas de ironia. De Rabelais herdou a certeza do corte; e quando refere o episodio pitoresco dum marido conhecido e uma mulher conhecida, di-lo-hi-hi. o Senhor de Brantôme recortando episodios galantes e licenciosos sobre veludo de seda.

Simplemente — o meu critico não escreve. E quiz o destino incumbir-me a mim, seu amigo e seu ouvinte, de legar aos vindouros o mais aproximado que puder, essas palavras que passadas ao papel e assinadas *Lúcio Lopes*, seriam dos maiores documentos dum paiz em que a arte (é indubitavel) ha muito abriu bancarrota.

Tal é o meu mister.
 E nas cartas seguintes os senhores encontrarão sob o manto pesado da minha prosa a graça ligeira e a critica profunda desse espirito profundo que se chama — Lúcio Lopes.

ÁLVARO DE ALTE.

Por falta de espaço, ficam para o próximo número a carta de Coimbra, Morteiros, Fogo rasteiro e o Folhetim: — «Proczas dum Seixo».



Charadas adicionadas

Planta-2
 — II —
 Corporação-2

Charadas augmentativas

Resto-2 Císcio-2

Charadas dimiñutivas

Movel-2 Remedio-3

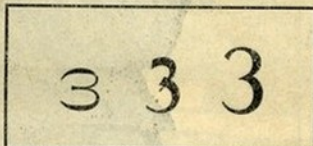
Charadas sexuaes

Ele limita e ela autentica-2-2.

Charadas em phrase

Aqui não se aprecia este crustaceo-1-2.

Enigma typographico



Combinadas

1.ª + mo — senhor
 2.ª + pe — doença
 3.ª + no — alto
 4.ª + bo — vegetal
 mulher

Maçada geographica

Formar um nome d'uma terra portugueza com as letras das seguintes palavras.

A VILE REIS MEIA DOZE

Logogrifo em triangulo

..... homem
 cor
 porto
 amel
 animal
 vogal

Decifrações do n.º 1

Maçada geographica: Vilarinho de S. Romão. — Charadas dimiñutivas: gala, galinha; dona, doninha. — Charadas em frase: Cortesão, Farófia. — Charadas augmentativas: chave, chavão; sarda sardão. — Charadas sexuaes: bombo, bomba; ovo, ova. — Logogrifos rápidos: monarca. — Logogrifo em triangulo: Leonardo, equação, outros, naris, aços, rãs, do, o. — Enigma typográfico: moscas. — Charadas adicionadas: registo, saúde. — Combinada: palhabor.

TRIC-TRAC.

MACIEIRA EM FLOR!...



— A que tempos chegamos, meu Deus! As ovelhas passam bem sem os pastores. Os pastores não podem pensar o pasto das ovelhas!...